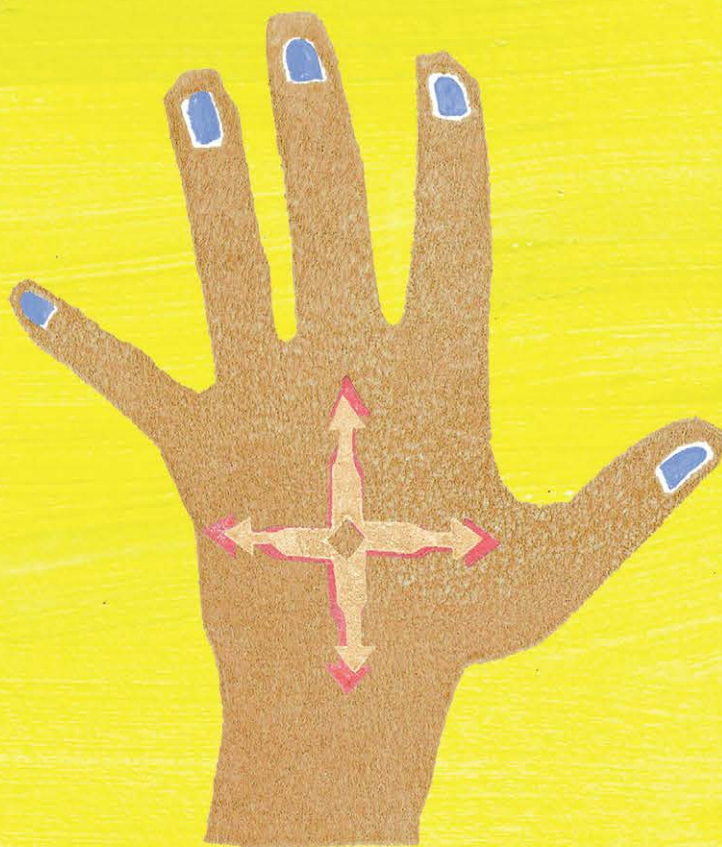




MAMULENGOS
DO
DISTRITO FEDERAL

PATRIMÔNIO CULTURAL DO BRASIL



BRASÍLIA 2020

IPHAN





**MAMULENGOS
DO
DISTRITO FEDERAL**

PATRIMÔNIO CULTURAL DO BRASIL



ORGANIZAÇÃO: MARIA VILLAR

**BRASÍLIA
IPHAN
2020**





Presidente da República
Jair Bolsonaro

Ministro do Turismo
Marcelo Álvaro Antônio

Secretária Especial de Cultura
Regina Duarte

Presidente do Instituto do Patrimônio
Histórico e Artístico Nacional
Larissa Peixoto

Diretores do Iphan
Marcos José Silva Rêgo
Ione Maria de Carvalho
Hermano Queiróz
Marcelo Brito
Robson Antônio de Almeida

Superintendente do Iphan
no Distrito Federal
Saulo Santos Diniz

Ficha técnica
Divisão de Editoração e Publicações- Divep

Produção Editorial
Ana Carolina Lessa Dantas
Vinicius Prado Januzzi

Organização da Publicação
Maria Villar

Edição
Izabela Brochado

Revisão e Preparação de Textos
Flora Maravalhas

Pesquisa iconográfica
Maria Villar

Projeto Gráfico/ Ilustrações
Maria Villar

Diagramação
Maria Villar

Edição de Imagens
Maria Villar

Produção Gráfica
Divisão de Editoração e Publicações/Iphan
Rayane Cordeiro
Ronaldo Nogueira

www.iphan.gov.br
publicacoes@iphan.gov.br
iphan-df@iphan.gov.br



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Aloísio Magalhães, IPHAN

M265

Mamulengos do Distrito Federal : patrimônio cultural do
Brasil / Organização : Maria Villar. – Dados eletrônicos
(1 arquivo PDF : 17.542 KB). – Brasília: IPHAN, 2020.
43 p. ; 21x29cm.

Modo de acesso: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/
publicacao/mamulengosdodistritofederalweb.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/mamulengosdodistritofederalweb.pdf)

Acesso em : 05 de junho de 2020
ISBN: 978-65-86514-04-9

1. Patrimônio cultural – Distrito Federal. 2.
Patrimônio cultural – Salvaguarda. 3. Teatro de bonecos
popular. I. Villar, Maria.

CDD 363.69018

Elaborado por: Carolina Nascimento de Medeiros – CRB-1/3321

O CATÁLOGO DE MAMULENGOS DO DF É INICIATIVA COLETIVA DE BONEQUEIROS, BONEQUEIRAS E PARCEIROS ENVOLVIDOS NESSA ARTE POPULAR BRASILEIRA, EM COMEMORAÇÃO AO QUINTO ANO DA SALVAGUARDA DO TEATRO DE BONECOS POPULAR DO NORDESTE COMO PATRIMÔNIO CULTURAL BRASILEIRO NO DISTRITO FEDERAL.

OS TEXTOS APRESENTADOS SÃO DE AUTORIA DOS BRINCANTES.



B R A S Í L I A 2 0 2 0 .





SUMÁRIO

Apresentação	5
O Mamulengo no Distrito Federal	6
Mamulengo Presepada	8
Circo Boneco e Riso	10
Mamulengo Mulungu	12
Mamulengo São Saruê	14
Mamulengo Gratidão	16
Mamulengo Sem Fronteiras	18
Mamulengo Jatobá	20
Mamulengo Alegria	22
Mamulengo Fuzuê	24
Mamulengo Pilombetagem	26
Veredas do Mamulengo	28
Mamulengo Lengo Tengo	30
Mamulengo Carneiro Voador	32
Moisés Bento de Souza	34
Mestra Tetê Alcândida	36
Grupo Pirilampo de Teatro de Bonecos e Atores	38
CIA Voar Teatro de Bonexos	40
Trapusteros Teatro	42

A P R E S E N T A Ç Ã O

O Teatro de Bonecos Popular do Nordeste (TBPN) foi inscrito pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) no Livro de Formas de Expressão em março de 2015. Manifestação cultural genuinamente brasileira, diversa, rica e popular, porque praticada desde sempre nas ruas, nas praças e nos espaços públicos do território nacional. Seu caráter multifacetado, aliás, já fica evidente no nome: foram reconhecidos o Mamulengo, o Babau, o Cassimiro Coco e o João Redondo como variações específicas de uma arte maior, feita por um brincante em sua tolda, acompanhado de bonecos em geral feitos de madeira e a mão, por vezes ladeado por um músico ou uma pequena banda – o enredo com encenações de cunho pedagógico, satírico, comunitário.

A pesquisa que embasou o dossiê foi feita em quatro estados nordestinos – Rio Grande do Norte, Paraíba, Ceará e Pernambuco – e no Distrito Federal, pela presença histórica na formação da capital brasileira, constatada nos oito grupos à época listados como praticantes deste Bem Cultural no DF. Na oportunidade desta publicação, são treze os brincantes e seus grupos de Mamulengo, o que permite constatar a vivacidade dessa manifestação na capital brasileira e, sobretudo, o quanto as atividades de salvaguarda estão efetivamente sendo realizadas pelos próprios grupos brincantes e seus parceiros. Sinal de que o objetivo principal do próprio Iphan – a saber, ser o apoio quando necessário e desejável de ações e projetos cujas execuções ocorram de modo autônomo – está sendo alcançado.

É nessa linha de atividades que surge o Catálogo que ora apresentamos: ação desenvolvida coletivamente pelos bonequeiros e pelas bonequeiras, desde a escrita dos textos, passando pela sua diagramação, até a versão final. É com orgulho, portanto, que disponibilizamos ao público esta obra, que apresenta não apenas as belas histórias do Mamulengo no Distrito Federal, mas que reflete os elementos identificados no Teatro de Bonecos Popular do Nordeste: o lúdico, o belo, o irreverente, o brasileiro.

SAULO SANTOS DINIZ

SUPERINTENDENTE DO IPHAN NO DF

MARÇO DE 2020





O MAMULENGO NO DISTRITO FEDERAL

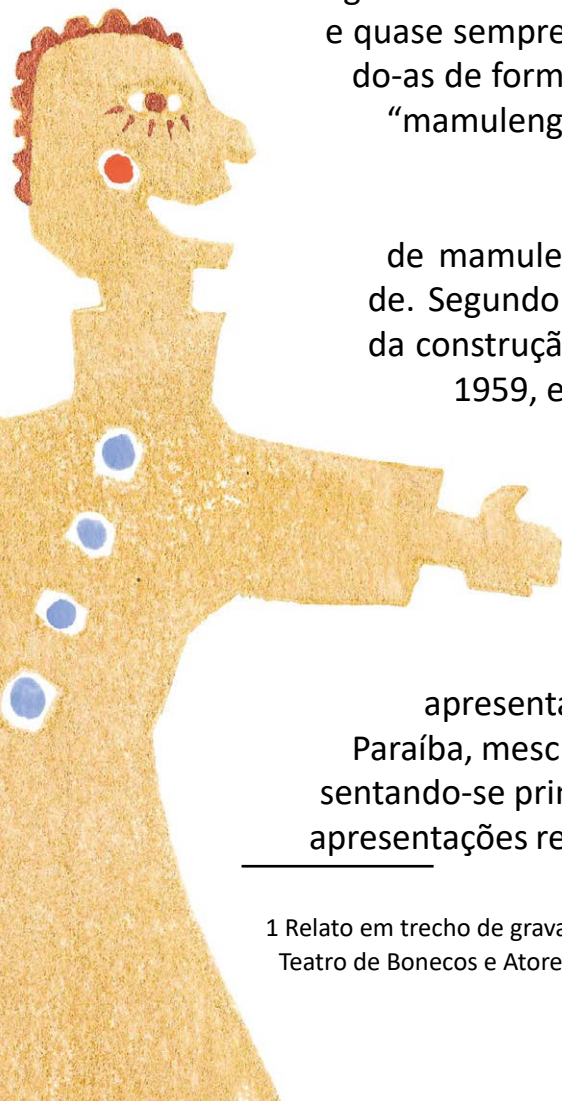
Quando do início da instrução do processo de Registro do Teatro de Bonecos Popular do Nordeste (TBPN) como Patrimônio Cultural do Brasil, iniciado em 2008, priorizaram-se os estados da região Nordeste com maior ocorrência do teatro de bonecos popular na atualidade, ou seja, Pernambuco, Ceará, Rio Grande do Norte e Paraíba. Porém, como o TBPN pode ser encontrado também em outras regiões do Centro-Sul do país, devido ao deslocamento das populações nordestinas para os grandes centros urbanos, a inserção do DF se deu como um estudo de caso, considerando a grande quantidade de bonequeiros existentes na capital, o que possibilitou a percepção da forte assimilação e da releitura do teatro de bonecos popular em contextos distintos.

Diferentemente dos bonequeiros nordestinos, que cresceram assistindo às brincadeiras e, conseqüentemente, as aprenderam por contato constante desde pequenos, a primeira geração de mamulengueiros do DF conheceu o mamulengo quando já eram adultos, ou quase adultos. Muitos deles já exerciam alguma atividade artística, passando depois a ter vínculo permanente e quase sempre exclusivo com as formas populares tradicionais, usando-as de forma continuada, passando a se auto reconhecerem como “mamulengueiros”.

As primeiras notícias que se tem de apresentações de mamulengo no DF datam do período de construção da cidade. Segundo relato¹ do senhor Ramiro Brito, operário aposentado da construção civil que veio da Paraíba, durante os anos de 1958 e 1959, em quase todos os finais de semana havia apresentação de mamulengo nos canteiros de obra da futura capital, feita por um mamulengueiro provavelmente vindo de Pernambuco.

No entanto, foi apenas no final da década de 1970 que o mamulengo volta a ser apresentado no DF. Paulo de Tarso, bonequeiro procedente da Paraíba, mesclava apresentações de mamulengo e ventriloquia, apresentando-se principalmente em Taguatinga (DF). Porém, foi a partir das apresentações realizadas em 1981 por Carlos Gomides, ator e bonequei-

¹ Relato em trecho de gravação em audiovisual e transcrição realizada pelos integrantes do Grupo Pirilampo de Teatro de Bonecos e Atores por ocasião da elaboração da dramaturgia do espetáculo “Capital” (2004).





ro goiano que residia no DF na época, que o mamulengo começa a se consolidar na cidade². A partir de seu encontro com Francisco Oliveira Neto, conhecido como Chico Simões, inicia-se a dinâmica da tradição mamulengueira no DF.

Em 1991, se junta a essa dinâmica José André dos Santos, conhecido como Mestre Zezito, cearense, brincante de Cassimiro Coco, palhaço, mágico e construtor de brinquedos populares, que juntamente com sua esposa, Neide Aparecida dos Santos, muda-se definitivamente para o DF.

Chico Simões aprende com Carlinhos Babau, Solon e outros mestres nordestinos, ensinando depois para Walter Cedro, Carlos Machado, que também aprendem com Mestre Zezito, que ensina para Chico Simões, que aprende com Algodão...

Nesse ciclo constante de transmissão oral, existem hoje no DF treze grupos de mamulengo atuando de forma sistemática e exclusiva com a linguagem do mamulengo e cujos brincantes se reconhecem como mamulengueiros. Esses são os primeiros grupos apresentados neste catálogo.

Além desses, foram incluídos outros dois grupos teatrais que apresentam fortes vínculos com o mamulengo nas suas trajetórias, incorporando seus elementos de linguagem em seus espetáculos, embora não de forma sistemática e nem exclusiva. Finalmente, apresentamos também dois importantes bonequeiros que vêm há décadas alimentando as malas e a imaginação dos brincantes com os bonecos que constroem.

A presença de todos neste catálogo certamente nos faz ver de forma mais profunda a grande presença e importância do mamulengo no DF.

IZABELA BROCHADO³
E
KAISE HELENA⁴



² Em 1977, durante uma turnê que realizava juntamente com o grupo Carroça de Mamulengos, do qual fazia parte, Carlos Gomides conheceu o bonequeiro paraibano Mestre Antônio Babau, que lhe transmitiu os conhecimentos e com quem conviveu por vários anos, adotando, mais tarde, o nome artístico de seu mestre, passando assim a ser chamado de Carlinhos Babau.

³ Coordenadora geral do processo de registro do TBPN.

⁴ Coordenadora do DF do processo de registro do TBPN.



MAMULENGO PRESEPADADA

Ano de criação: 1983

Participantes: Clara Nugoli (produção); Chico Simões (bonecos), Daniel Carvalho (música ao vivo) e Layza Almeida (música ao vivo).

Do convívio com Carlos Babau, do Carroça de Mamulengos, no início dos anos 1980, foi que nasceu o Mamulengo Presepada. Os primeiros bonecos foram presente de mestre Solon de Carpina. Em sua primeira formação, o grupo era composto por Chico Simões, Rose Nugoli, Nonato Natinho e Nilsinho Rodrigues. A primeira apresentação foi realizada em 1983 na área externa do Teatro da Praça de Taguatinga (DF). O cartaz foi desenhado por Omar Franco. E os caminhos, generosamente, mantiveram-se sempre abertos. Em quase 40 anos de existência, dezenas de amigos integraram o grupo enquanto preparavam as próprias brincadeiras. Bonequeirxs, musicistas, técnicos e produtores ajudaram a construir as histórias que até hoje sustentam os nossos sonhos.

Sempre em movimento, o Presepada nunca parou de viajar pelo Brasil e se apresentou em mais de 25 países. Em sua trajetória, recebeu memoráveis prêmios, entre eles:

- Prêmio Betinho - 1994 pelo trabalho realizado com crianças em situação de rua (DF)
- Melhor Ator e Melhor Espetáculo Infantil no Festival Nacional de Teatro Isnard Azevedo - 1997 - Florianópolis (SC)
- Bolsa Virtuose - 1998 para pesquisar as origens da tradição do teatro de bonecos brasileiro na Europa – Ministério da Cultura
- Prêmio Economia Criativa - 2014 – Ministério da Cultura
- Melhor espetáculo de Rua - 2015 - Encontro Nacional de Teatro - Anápolis (GO)
- Prêmio Teatro Popular do Nordeste - 2016 - IPHAN
- Prêmio Culturas Populares - 2018 – Secretaria de Cultura do DF





Tais homenagens e reconhecimentos abençoam o caminho percorrido e convidam novos brincantes para assumirem a herança recebida, dignificada, que vai sendo retransmitida.

Para quem nasceu em Brasília, o desafio de transitar entre o moderno e o tradicional é encarado como missão. Os 360 graus de “horizonte lindo e aberto, sugerindo mil direções” é, ainda hoje, o palco no qual mais nos apresentamos. Brincando, botando boneco, formando atores e plateias atentos e críticos, realizamos uma das mais importantes funções da arte que é revelar a alma de um povo, revelando a sua própria identidade.

Viva a vida mamulenga!



foto Chico Simões/Divulgação

mamulengopresepada@gmail.com

C e l : 6 1 9 8 4 0 8 - 2 0 3 1

I n s t a g r a m : [chicomamulengosimoes](https://www.instagram.com/chicomamulengosimoes)

F a c e b o o k : [mamulengopresepada](https://www.facebook.com/mamulengopresepada)

www.mamulengopresepada.com.br





CIRCO BONECO E RISO

Ano de criação: 1984

Participantes: Neide Aparecida, Isabel Andréia, Dheimes, Rossivaldo e Diogo.

O grupo foi fundado por José André dos Santos, conhecido como Mestre Zezito, em Juazeiro do Norte (CE). Antes, Zezito trabalhou em vários circos como palhaço Pilombeta, além de mágico e construtor de brinquedos populares. Já no circo, brincava com o Cassimiro Coco, como é conhecido o teatro de bonecos no Ceará, além de bonecos gigantes, cantigas de palhaço, sempre ensinando os jovens das periferias nas ruas onde morava. Foi nesse meio que conheceu Rosineide de Nazaré Ferreira Amorim, mais conhecida como Neide Aparecida dos Santos, que se tornou sua esposa e com quem teve três filhas: Rita de Cássia Amorim dos Santos, Maria de Nazaré Amorim dos Santos e Isabel Andreia Amorim dos Santos, que completam o grupo nos espetáculos, oficinas de brinquedos populares e de pernas de pau, entre outros.

Em 1991, Mestre Zezito e Neide mudam-se definitivamente para o Distrito Federal, onde passam a desenvolver trabalhos junto a sindicatos (dos professores e bancários) e a grupos da cidade (Invenção Brasileira, Cooperativa Brasiliense de Teatro e Carroça de Mamulengos), fixando residência em Águas Lindas, entorno do DF.

Em 2006, com o falecimento do saudoso Mestre Zezito, o grupo passa a ser dirigido por Neide, dando continuidade ao trabalho do mestre. Foi nesse mesmo ano que o Circo Boneco e Riso passa a ser Ponto de Cultura, projeto do antigo Ministério da Cultura.





Em 2007, o Grupo recebe o prêmio Carequinha, com o qual foi possível passar adiante os ensinamentos do circo, formando pessoas e novos grupos.

O grupo continua com suas atividades circenses e bonequeiras, com apresentações de mamulengo, de palhaços e de mágica, além de oficinas de palhaço, perna de pau, monociclo, construção de brinquedos populares e bonecos gigantes.



foto de Alice Lira

Contato: 61 995416729





MAMULENGO MULUNGU

Ano de fundação: 1990

Participante: Carlos Machado

Filho de pai mineiro e mãe goiana, que se conheceram na inauguração de Brasília, Carlos nasceu em 06/05/1966 e pertence às primeiras gerações de Brasília. Nasceu, estudou e se criou no Gama, Região Administrativa do DF. Começou a fazer faculdade de Artes Cênicas, mas a abandonou. Em 1989 foi passar uma temporada no Rio Grande do Sul e lá começou a fazer teatro com amigos, para tentar conseguir sustento financeiro.

Em 1990 participava do grupo de teatro Cooperativa de Atores quando Chico Simões foi chamado para dirigir um espetáculo de teatro de bonecos do grupo, inspirado no mamulengo. Chico fez oficina de mamulengo com o grupo e Carlos participou. Decidiu no mesmo ano virar mamulengueiro. Teve contato com Walter Cedro e Rose Nugoli que trabalhavam com Chico Simões para ter mais informações sobre como fazer as cabeças de madeira e as vestes de bonecos. Copiou a primeira empanada e os primeiros bonecos de Chico e Walter, e criou uma brincadeira que contava uma história com começo, meio e fim. Em seguida conheceu o mamulengueiro Paulo de Tarso em Goiânia e mudou a estrutura da brincadeira para uma sucessão de passagens cênicas autônomas explorando mais a interação de improviso com a plateia. Aprendeu ventriloquia em contato com o Mestre Zezito, a quem visitou muitas vezes em Águas Lindas de Goiás e com quem se encontrava no Parque Ana Lúcia aos domingos. Fez seu boneco de ventriloquia imitando o boneco do Mestre Zezito. Teve também contatos com outros mestres nordestinos em eventos e encontros em Brasília, tais como Zé Lopes e Zé de Vina, ambos de Pernambuco.

Viajou para todos os estados brasileiros, com exceção de Santa Catarina, para se apresentar com o mamulengo a convite de amigos ou em eventos voltados para a arte popular e para o meio ambiente.





Atua com o mamulengo como sua principal atividade artística e econômica e justifica que essa opção lhe possibilitou ter, principalmente, autonomia com uma estrutura reduzida – um pequeno terno de bonecos (composto de sete bonecos) e uma empanada, alguns instrumentos musicais e o boneco de ventriloquia são a sua “bagagem”. Isso o permite ter facilidade para se locomover e se apresentar em diversos espaços.



foto de Alice Lira

mamulengomulungu@yahoo.com.br





MAMULENGO SARUÊ

Ano de criação 1995

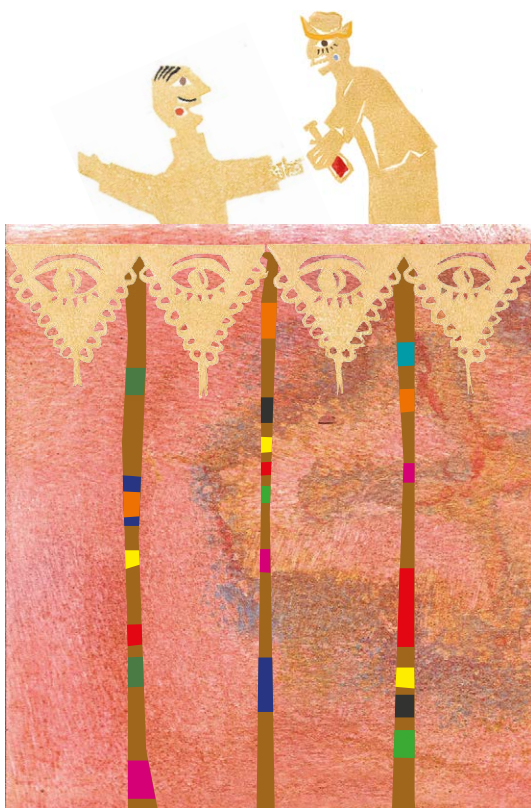
Participante: Aguinaldo Algodão

O Mamulengo Saruê foi criado por Aguinaldo Algodão, a partir de uma longa convivência com mestres da cultura popular brasileira, como Saúba, Sólton, Chico de Daniel, Chaves, Itaércio Rocha, Afonso Miguel, Chico Simões, além de grupos de renome no cenário do teatro de bonecos, como o Mamulengo Só Riso, Carroça de Mamulengos, Mamulengo Fantochito, Mamulengo Estrela do Norte, Mamulengo Presepada, entre outros.

Apresentando o teatro de bonecos por várias regiões do Brasil, América Latina e Europa, desde os anos 1980, o grupo objetiva reunir pessoas interessadas em conhecer e divulgar o mamulengo e a rica cultura brasileira. Pretende, também, despertar o interesse de todos os públicos para o imaginário popular.

Aguinaldo Algodão, bonequeiro:

Ator, mamulengueiro, arte-educador e artista plástico, Aguinaldo iniciou suas atividades artísticas no ano de 1980, em Olinda (PE). Aos 13 anos, participou de várias oficinas com mestres da cultura popular em uma convivência produtiva e de aprendizado. Também participou de vários grupos de teatro, como o Fruta Pão, Mamulengo Só Riso, Mamulengo Fantochito, entre outros.



No ano de 1985, radicou-se em Brasília, onde criou e trabalhou em diversos grupos, como o Mamulengo Presepada, Grupo Retalhos, Esquadrão da Vida, Teatro Mapati e Grupo de Educação do Detran DF. Foi criador de blocos carnavalescos importantes, como o Menino de Ceilândia e o Mamãe Taguá. Com esses trabalhos, viajou por várias regiões do Brasil, América Latina e Europa.



Em sua longa carreira, recebeu os prêmios Teatro Pernambucano e Be-tinho. É um dos detentores do título Teatro de Bonecos Popular do Nordeste: Patrimônio Cultural do Brasil, pela sua trajetória como mamulengueiro no DF.

Atualmente integra a Associação Candanga de Teatro de Bonecos (ACTB) e o Ponto de Cultura Invenção Brasileira.



foto de Davi Mello

mamulengoaguinaldoalgodao@gmail.com
Cel: 61 98172-0519 (Tim)
Cel: 61 99559-8341 (Claro)

Instagram: @mamulengoaguin1
Facebook: Bonecaria-São-Saruê-Mestre-Ginu





CIA MAMULENGO GRATIDÃO

Ano de criação: 1995

Participante: Miguel Mariano

A companhia nasce das ações de Miguel Mariano, natural de Tianguá (CE), terra onde a brincadeira é conhecida por Cassimiro Coco. Os trabalhos realizados pela companhia incluem a articulação, produção e apresentação de espetáculos, performances, produção e cursos de bonecos (gigantes, mamulengo, cenários, malas, entre outros).

Herdou de família a tradição das brincantes populares. Seus pais eram dramatas e desde a infância coleciona lembranças da diversão em casa. Além disso, por dispor de instrumentos de marcenaria do pai, bem como também a máquina de costura da mãe, naturalmente passou a confeccionar seus próprios bonecos. Esse ambiente despertou uma paixão pela arte que, mais tarde, se tornaria sua profissão.

Chegou em Brasília em 1995 e, a partir de sua vivência com o bonequeiro e diretor Futuka Ferreira, tornou-se artista popular, onde confeccionou seus bonecos para seu primeiro espetáculo, A Peleja do Vaqueiro Benedito contra o Capitão João Redondo e A Cobra Madalena. Dessa formação popular e mamembe, inspirou-se com a realidade local para composição de seus personagens, aproximando essa brasilidade genuína para as suas produções.



Enquanto articulador cultural, radicou-se em Samambaia (DF) e, em parceria com Marília de Abreu, fundaram o Espaço Imaginário, ponto de cultura da cidade com a proposta do Sarau Complexo, que acumula até hoje mais de 100 edições realizadas e que integraram por mais de 10 anos a Cia Teatral Roupas de Ensaio.

Sobre ser mamulengueiro: “A energia da brincadeira é algo que pulsa. Brinco mamulengo porque no fundo nunca fui bom de ser visto. O



boneco me complementa, não tem forma e nem formato. Ele é uma brincadeira e pode fazer o que quiser, ao mesmo tempo em que me traz a ludicidade. O boneco pode ser sático, profano, santo, bondoso, enfim, assumir diferentes características.”

Sobre ser bonequeiro: “Gosto de ver a matéria se transformando e ganhando vida. Eu sempre gostei de trabalhos manuais, e, por iniciativa própria, sempre realizei coisas dessa natureza.”

Uma característica importante de seu trabalho com a produção de bonecos é que são produzidos de diversas formas, trabalhados com diferentes materiais, tais como madeira, borracha, isopor, arame, gesso, argila, tecido, espuma, ferro, vidro, entre outros. A observação dos materiais disponíveis no ambiente é o formato ideal para a produção.

A companhia hoje busca trabalhar com valores que abarquem os direitos humanos, colocando o boneco como agente de apoio à transformação social. Além disso, a música, enquanto elemento do espetáculo, é o vínculo entre a tradição e a atualidade, pela qual o artista busca inspirações atuais para contar outras histórias.



foto de Webert da Cruz

ciamamulengratidao@gmail.com

Instagram: [@ciamamulengratidao](https://www.instagram.com/ciamamulengratidao)

www.ciamamulengratidao.com.br





MAMULENGO SEM FRONTEIRAS

Ano de criação: 1996

Participantes: Walter Cedro (Bonequeiro Brincante), Bião Cedro (Músico Brincante), Keijin do Acordeon (Músico Brincante), Wagner Nascimento (Músico Brincante) e Beirão Neves (Músico Brincante)

A família Mamulengo Sem Fronteiras se uniu para brincar em 1996. Foi nesse ano, na cidade de Taguatinga (DF), que o bonequeiro Walter Cedro iniciou-se na tradição do teatro popular de bonecos do Nordeste, pelas mãos do brincante Chico Simões, do Mamulengo Presepada.

São mais de 22 anos de pesquisa sobre as brincadeiras populares, em interação com as novas formas de fazer mamulengo, como vivências e estudos compartilhados em apresentações, oficinas de arte-educação, projetos culturais e ambientais; além dos giros em festivais pelo Brasil, Europa e América do Sul.

O Mamulengo sem Fronteiras é formado pelos irmãos Walter Cedro, Rosimar Cedro e Wagner Nascimento, com o reforço dos amigos Keijin do Acordeon, Beirão Neves e Mirella Dias, entre outras parcerias que vão surgindo na estrada. Em comunhão e de peito aberto, o grupo reaviva suas brincadeiras, sempre e em constante transformação, interagindo estética e elementos históricos de um teatro universal, como é o mamulengo, com forte influência das culturas afro-indígenas e resquícios da Commedia Dell'Art.

No decorrer desses anos de alegrias, o grupo já ganhou vários prêmios importantes, tais como: o Prêmio Tuxaus, do Ministério da Cultura; Prêmio Leandro Gomes de Barros de Cultura Populares, do Ministério da Cultura; segundo lugar na categoria voto Popular, do Teatro de Rua no 20º Festival de Bonecos de Canela (RS); Prêmio de Melhor Ator, do Festival de Pindamonhangaba (SP).





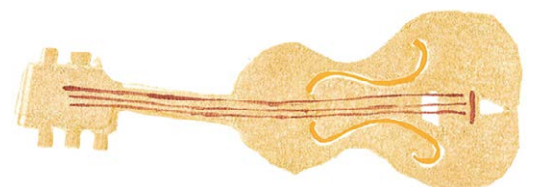
Atualmente, o Mamulengo Sem Fronteiras tem um vasto repertório de espetáculos, entre eles Exemplos de Bastião, As Aventuras de Baltazar no Reino dos Mamulengos e O Romance do Pavão Misterioso. Além deles, o grupo ministra várias oficinas de teatro de mamulengo, teatro popular e animação de objetos. Finalmente, vem desenvolvendo vários projetos autorais para levar a brincadeira de mamulengo para vários rincões do país, sempre mantendo a tradição em interação com a atualidade, são eles: Caravana Mamulengo do Cerrado, Caravana Mamulengo do Cerrado rumo à Caatinga, Caravana Mamulengo do Cerrado rumo à Floresta, gravação do CD O Canto dos Mamulengos, que busca memorizar as músicas e os repertórios dos músicos brincantes do Distrito Federal, entre outros.



foto de Davi Mello

mamulengosemfronreiras@gmail.com
C e l : 6 1 9 8 4 2 5 - 7 2 3 3

Instagram: mamulengo_sem_fronreiras
Facebook: mamulengosemfronreiras
Facebook: mamulengosemfronreiras.bonecos/





MAMULENGO JATOBÁ

Ano de criação: 1999

Participante: Eder Manoel Feitosa de Paiva (Eder de Paiva)

“Os bonecos são mais verdadeiros porque são mais aceitos e compreendidos que os seres humanos quando brincam com o lúdico e a realidade” (Eder de Paiva).

Eder nasceu em Rio Branco (AC), mas iniciou sua história na cultura popular em Taguatinga (DF) em 1996, na companhia de grandes nomes, tais como: Zé Regino, Tetê Alcândida e a Companhia Celeiro das Antas. Em 1999, Eder de Paiva iniciou sua viagem na cultura nordestina, onde criou o seu próprio personagem através do Mamulengo Jatobá, com o espetáculo As Aventuras de Benedito, enredo que conta a história vivida na fazenda Jatobá, onde Severo Preto Bom do Quero-Quero se apaixona por Catirina, filha de um rico fazendeiro.

Fez parte do grupo internacionalmente conhecido Mamulengo Só Riso, com o qual realizou diversas turnês nacionais. Após essa rica vivência, ingressou em outubro de 1999 no Instituto Internacional na Arte da Marionete em Charleville, França, onde viveu uma formação real e genuinamente intensa, vivenciando algumas técnicas, como bonecos de luvas chinesas, teatro de sombras, bonecos gigantes, entre outros.



Participou de vários festivais internacionais na Europa e América Latina (2002-2018), aprendendo várias técnicas de teatro de bonecos. Trabalhou com profissionais renomados e integrou companhias europeias, como Royal de Lux, da França; Movie People, da Inglaterra; Karmato, da República Tcheca. Além disso, ministra oficinas, workshops e oferece acompanhamento artístico em todas as técnicas de teatro de animação.



Um diferencial do seu trabalho é a musicalidade. O artista realiza suas apresentações tocando diversos instrumentos musicais ao mesmo tempo. “O mamulengo é o único trabalho de que nunca me separei, porque eu me divirto muito.”



foto de Paz Tatay

eder.et.moi@gmail.com

cel: 61 99935-0320





MAMULENGO ALEGRIA

Ano de criação: 2000

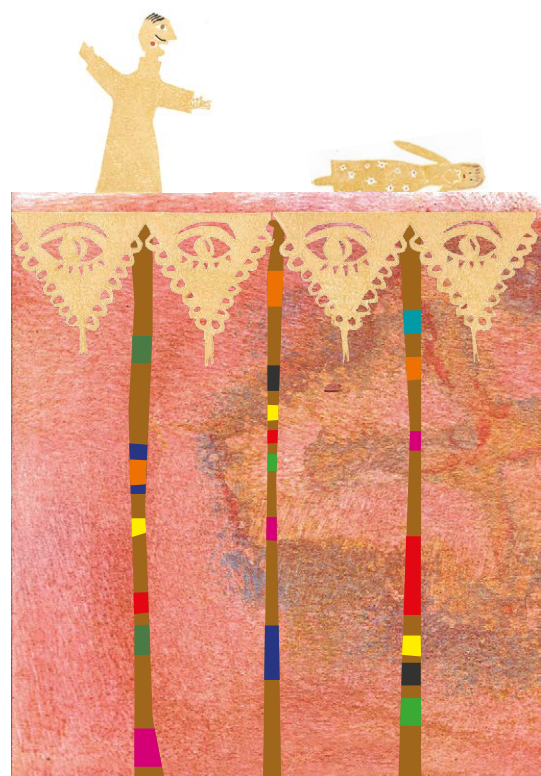
Participantes: Josias Wanzeller da Silva (mamulengueiro), Ana Carla de Menezes Wanzeller (diretora), Geraldo Magela Toledo (músico) e Fernando Fernandes Rodrigues (músico).

A Cia Mamulengo Alegria começou sua trajetória há duas décadas com a peça *O Casamento de Chiquinha Muito Prazer com Tião Sem Sorte*, mas outras foram surgindo no decorrer dos anos, como *O dia que Baltazar Encontrou o Diabo*, *O Menino Sem Nome*, *Agora é Minha Vez*. As histórias são autorais e fruto da pesquisa e da vivência do mamulengueiro Josias Wanzeller da Silva e de suas viagens de brincante realizadas no Brasil e no mundo afora.

Josias é brasileiro, filho de capixabas, casado e pai de três filhas. Durante a graduação em artes plásticas, se encantou com o mamulengo. Posteriormente, fez especialização em Arte, Educação e Tecnologias Contemporâneas pela UnB. Desde então, tem vivido intensamente o encantamento pelos bonecos populares do Nordeste, o mamulengo, não mais se afastando desse mundo mágico. Destaca-se a realização de documentário sobre a vida e o trabalho dos mestres Zé Divina (<https://www.youtube.com/watch?v=VnHq-rIGh4E&t=27s>) e Chico de Daniel (<https://www.youtube.com/watch?v=B3UNdn5MTW0&t=205s>).

O trabalho do Mamulengo Alegria tem um alicerce no aprendizado com os mestres da cultura popular, grandes mestres mamulengueiros, como Zé Divina, Saúba, Zé Lopes, Chico Daniel, Galego, Gilberto Calungueiro e Chico Simões, os quais influenciaram a formação das brincadeiras que hoje percorrem o Brasil e o exterior na mala do Mamulengo Alegria.

Para Chico Simões, “Josias Wanzeller da Silva com seu Mamulengo Alegria é um desses aprendizes que já anunciam a certeza de que, dependendo dele, o mamulengo nem vira folclore (porque não é repetição do que os mestres mamulengueiros fazem), nem vai se acabar tão cedo (porque se atualiza em constante renovação). Basta assistir à cena das flores que,





para se protegerem, ganham vida (anima) nas mãos de Josias, que brinca devolvendo ao público o que recebe dele: gratidão pelo reconhecimento de ofício exercido com tanta graça, com tanto prazer. Com Josias vamos longe, público, brinquedo e brincantes”.

Um ponto muito importante, que enriquece, completa, dá o tom da brincadeira é a música. No caso de O Casamento de Chiquinha, as músicas que acompanham o espetáculo são autorais, sendo as letras de Geraldo Magela Toledo e a música e o arranjo de Fernando Fernandes Rodrigues. Esses artistas, com acordeom, violão caipira e percussão, acompanham as brincadeiras, interagem com o público e com os bonecos, tornando cada brincadeira única, singular, integrante daquele momento.

Hoje e sempre, o mamulengo tem se perpetuado no decorrer dos anos, ao mesmo tempo em que se mantém tradicional, tem se inovado incorporando novos elementos. Josias, filho de pais que vieram construir essa capital, é participante ativo do movimento de teatro de boneco de mamulengo em Brasília, onde muitas vezes não se consegue separar o Josias do boneco e o boneco do Josias, a ligação é perfeita.



foto de Paulo Malheiro

mamulengoalegria@gmail.com

Facebook: O-Casamento-de-Chiquinha





MAMULENGO FUZUÊ

Ano de criação: 2007

Participantes: Thiago Francisco (Ator-Brincante-Bonequeiro); Maísa Arantes e Layza (Musicistas-brincantes), Gilson Alencar e Rener Bonfim (Músicos-brincantes).

Mamulengo Fuzuê é brincadeira aprendida com as tradições, é boneco na tolda, é teatro popular que celebra a vida e a arte. O nascimento do grupo aconteceu no Ponto de Cultura Invenção Brasileira, em Taguatinga (DF). Era ano de 2007, quando os brincantes Thiago Francisco e Luciana Meireles criaram o Fuzuê a partir do convívio com os brincantes Chico Simões e Walter Cedro. Já nos primeiros anos de sua formação, o grupo contou com a participação e a colaboração de diversos brincantes e artistas com vivências diferentes, sobretudo na cultura popular e no Teatro de Bonecos Popular do Nordeste, tendo a oportunidade de vivenciar o trabalho de mestres brincantes como Babi Guedes, do Mamulengo Estrela do Norte (CE), e Afonso Miguel, do Mamulengo Fantochito (PI).

Desde sua origem, o cortejo do grupo segue Brasil a dentro, mundo afora, com passos firmados na memória, na identidade, na celebração da vida e na convivência com mestres e mestras de várias regiões do Brasil.

Ao longo de 13 anos de brincadeira, pesquisa, vivências e convivências, diversos artistas deram vida e nutriram nossos fazeres, entre eles os brincantes Fagner Evangelista (Cinho/palhaço Amendoim) e Joaley Almeida, a atriz e poeta Lilia Diniz, a brincante e cantora Shária Ribeiro, o artesão Diego Marcelino e a figurinista e bonequeira Maria Villar.

Na estrada, o Fuzuê circula por feiras, ruas, praças, escolas, projetos e grandes festivais, como: Fringe 2016 (PR), Projeto Conexão Cultural Tigre 2010/2012 (BA, AL, PE, MG e SP), 7ª Mostra de Teatro de Bonecos de Mariana (MG), 5º Encontro de Mamulengo em São Paulo (SP), II Bienal Brasil do Livro e da Leitura (DF), 11º Festival América do Sul (MS), Encontro de Culturas Tradicionais e Populares de Serra Talhada 2015 (PE), Caravana Mamulengos do Cerrado Rumo à Caatinga (PE, PB, RN e CE), entre outros.

Em 2017, foi contemplado com o prêmio de Melhor Espetáculo de Rua, no Festival de Cultura Popular de Ilhéus (2017). Em 2012, recebeu premiação do Mais Cultura: Microprojetos Rio São Francisco e do Prêmio Funarte de Teatro na Rua.





O Bonequeiro:

Thiago Dias Francisco é brasileiro nascido em Ceilândia (DF) no ano de 1984. Lembra-se de ter visto o teatro de bonecos ainda na infância e recorda-se da primeira vez que assistiu a uma peça de teatro na escola, já por volta dos 15 anos. Traz na memória os artistas populares que via se apresentar pelas feiras de Ceilândia (DF), entre eles poetas cordelistas, repentistas e emboladores, pelos quais sempre nutriu forte admiração. Porém só foi ter contato direto com o fazer artístico por volta dos 22 anos, quando passa a conviver com artistas no Mercado Sul em Taguatinga (DF), com os quais veio se apresentar como Palhaço Canção. Posteriormente, estreou a primeira brincadeira dentro do espetáculo Candangos do Barro Branco, onde inicialmente iria fazer parte somente da etapa de pesquisa, que visava contar no espetáculo a construção de Brasília a partir do Mercado Sul. Guardou na memória uma frase dita pelo Mestre Zé Divina: “para começar a aprender, basta ver e se encantar”. Então aproximou-se de diversos brincantes que frequentavam o ponto de Cultura Invenção Brasileira e não parou mais de brincar, fazendo dessa atividade seu trabalho e sua única fonte de renda. Participou de caravanas pelos estados do Rio Grande do Norte, Ceará, Paraíba, Piauí e Pernambuco com intuito de se encontrar com mestres e brincantes desse folgado popular. Faz parte da Associação Candanga de Teatro de Bonecos desde 2010, compondo atualmente a diretoria. Realizou, juntamente com Maria Villar, a curadoria da Exposição: Mamulengo Patrimônio Imaterial, que conta com bonecos do acervo do grupo Mamulengo Fuzê, confeccionados por brincantes e mestres de diversas regiões brasileiras.



foto de Alice Lira

mamulengofuzue@gmail.com

Instagram: @mamulengofuzue

Facebook: mamulengofuzueoficial

www.mamulengofuzue.com.br





MAMULENGO P I L O M B E T A G E M

Ano de criação: 2007

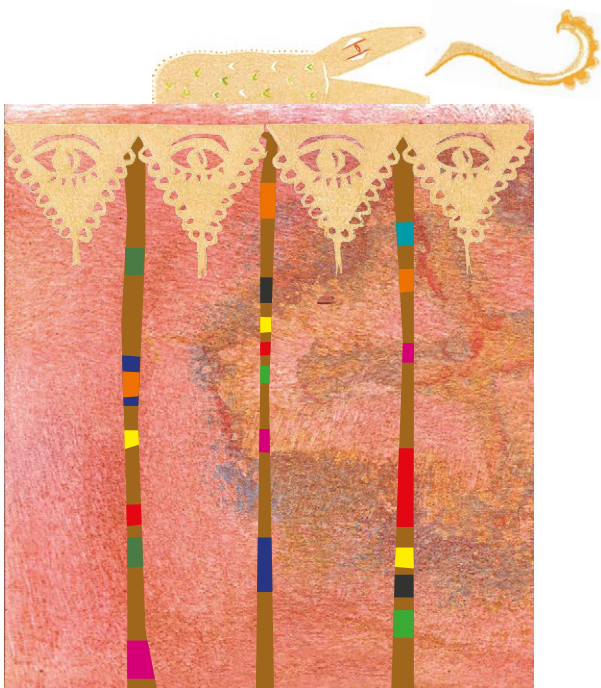
Participantes: Robson Siqueira, Henrique Siqueira e Leo Siqueira

O meu primeiro contato com o teatro de mamulengo se deu quando eu tinha por volta de 10 anos, numa apresentação na escola em que eu estudava. O grupo que se apresentava, eu não lembro ao certo qual era, mas, pelas características das cenas que me vêm à memória, era algo bem simples: uma barraca com panos coloridos e os gracejos dos bonecos. Havia um boneco que dançava, uma cobra, um boi e outros que não me lembro bem. Enfim, na escola Classe 13 do Gama, éramos muitos alunos amontoados no pátio, alguns foram deixados na sala porque não pagaram o dinheiro para o teatro, mas no fim todos assistimos. Identifiquei-me de imediato com o teatro e guardo na memória aquele momento. No ano 2000, quando atuava no MST, trabalhava no setor de educação do movimento e logo fui escolhido na região como representante do setor de educação para participar de uma oficina de cultura popular promovida pelo movimento. Nessa oficina, encontrei Chico Simões e Afonso Miguel, ali, eles trabalhariam a confecção e manipulação de bonecos para o teatro de mamulengo. Participei da oficina com muita vontade de levar um teatro como aquele para os acampamentos do MST e, ao término da oficina, ganhei de presente de Chico uma empanada como estímulo para que continuasse trabalhando. De volta ao acampamento, construí alguns bonecos, montei meu primeiro terno de mamulengo e comecei a brincar nos acampamentos do MST na região do triângulo mineiro.

Depois desse primeiro contato com Chico Simões, conheci outros grupos do entorno do DF. Nesse período, conheci o Grupo Circo Boneco e Riso e passei a acompanhar os seus trabalhos em todas as atividades, inclusive nas oficinas de brinquedos e brincadeiras populares com crianças, ensinando o que eu já tinha aprendido. Então, passei a morar na casa de Mestre Zezito, mestre e fundador do grupo. Na casa dele também funcionava uma escola de circo, onde as crianças iam para aprender e brincar de circo. Lá se aprendia a andar de pernas de pau e a técnicas de malabarismo, acrobacia básica, equilíbrio e palhaçaria,

entre outras atividades. Era uma casa muito agitada, muita gente entrando e saindo, toda essa movimentação tornou o trabalho do mestre bastante conhecido em todo DF. Nessa vivência, aproveitei para aprimorar as técnicas de confecção e manipulação de bonecos para o teatro.

Em 2003, conheci Thiago Bresani, jovem que frequentava a casa do mestre Zezito, interessado nas artes circenses, nos tornamos amigos, começamos a ensaiar um trabalho próprio, de palhaços e bonecos e decidimos viajar juntos para Recife, para conhecer e conviver com os mestres populares dessa arte maravilhosa.



Nesse período, viajamos pelo Nordeste e começamos a brincar no Parque da Jaqueira e na praia de Boa Viagem. Depois fomos para Lagoa de Itaenga, onde encontramos Zé Divina, Zé Lopes e João Galego. Com a ajuda do mestre Zé Divina, finalizamos o espetáculo Circo de Retalhos, inspirados nas Brincadeiras de Chico Simões, Carlinhos Babau, Mestre Zezito e Zé Divina e batizamos a dupla de Companhia Riso Ambulante. Nessa temporada no Nordeste, trabalhamos com o Grupo Carroça de Mamulengo, de Carlinhos Babau, em Juazeiro do Norte, onde conhecemos o Reisado, Maneiro pau, Guerreiro, Banda Cabaçal, entre tantas outras tradições daquele caldeirão cultural que é o Cariri. Em João Pessoa, conhecemos Vavau, filho de Sr. Joaquim Guedes, um famoso mamulengueiro da região. Nessa temporada no Nordeste, pude aprofundar e conhecer diversas manifestações da cultura brasileira. De volta a Brasília, defini minha brincadeira a partir de um conto de Câmara Cascudo, no qual está representado personagens e estrutura do mamulengo, com grande influência das brincadeiras de mestre Zezito, Chico Simões, Carlinhos Babau e Zé Divina.

Em nossa brincadeira atual, Leo Siqueira, meu sobrinho, faz o Mateus, atuando e tocando zabumba na área externa da tolda do mamulengo; Henrique Siqueira, meu irmão, atua dentro da tolda manipulando os bonecos junto comigo, Robson Siqueira, que manipulo e conduzo a brincadeira de dentro da tolda. Na brincadeira temos o palhaço Canarinho Bem-te-vi Sabia Pintassilgo Uirapuru Tangará da Silva, que tenta impressionar dona Rosinha do Bolebole. Nessa tentativa, o palhaço Canarinho desenvolve mágicas e o número de encantamento de serpente. Nesse número, a cobra Madalena é encantada pelo Canarinho, só que acaba fugindo da sua jaula e engole tudo e todos no espetáculo, inclusive dona Rosinha. Canarinho, desesperado, busca ajuda para tentar resolver a situação e encontra Benedito Bendito Grito Bacurau dá no ôco dá no pau da Serra da Macaúba comedor de farinha Puba Perereco pouco. Benedito, então, resolve toda situação e, no final do espetáculo, todos celebram a festividade da brincadeira com um lindo forró.



foto de Kakau Machado

robsonambulante@gmail.com
Cel: 61 99173 - 3213





VEREDA DOS MAMULENGOS

Ano de criação: 2007

Participantes: Fabíola Resende e Coletiva Casa Moringa

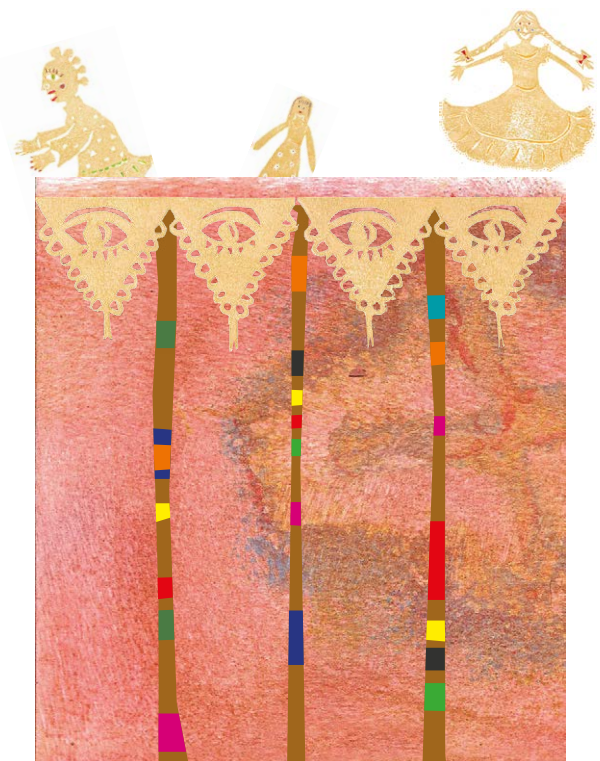
Vereda dos Mamulengos é a brincadeira criada e encenada por Fabíola Resende e suas companheiras da Coletiva Casa Moringa. Essa brincadeira é uma reinvenção dos roteiros tradicionais de mamulengo e apresenta a inédita Conceição, uma mulher negra e agricultora, personagem criada pelo grupo como forma de fortalecer o protagonismo feminino na cena mamulengueira e no imaginário popular brasileiro. O espetáculo, há treze anos, vem sendo apresentado em escolas, espaços públicos e comunidades do Distrito Federal e região.

“Eu me lembro bem da sensação do dia em que resolvi ir conhecer o beco do Mercado Sul, era fim do verão de 2004. Eu já conhecia a Rose Nugoli, o Walter Cedro e o Chico Simões, eles eram meus professores de teatro no SESI em Taguatinga. Era sábado fim de tarde, eu fui até o beco, descí aquelas ruelas recheadas de casas bem pequenas, com ar de abandono (hoje elas florescem), entrei na loja onde estava acontecendo uma apresentação do Mamulengo Presepada. Uau! Me encantei! (...) Decidi ali que também queria brincar bonecos... mamulengar.” (Fabíola Resende).

Com o lançamento do Programa Cultura Viva pelo Governo Federal em 2005, o grupo de teatro Mamulengo Presepada de Taguatinga (DF) abriu as portas de sua sede no antigo Mercado Sul e deu início às atividades do Ponto de Cultura Invenção Brasileira com aulas de teatro, percussão, mamulengo e cultura digital. É quando Fabíola se encontra com as companheiras Luciana Meireles, Nara Oliveira e Isabela Ribeiro, dando início à caminhada da Casa Moringa, aprendendo a arte e o ofício do mamulengo com a mestra Tetê Alcândida e o mestre Chico Simões.

Em 2007, participaram da Ação Griô Nacional e realizaram o projeto pedagógico no CEM 03 da Ceilândia (DF), integrando a tradição oral dos mestres Zé do Pife, Dona Estelita, Tia Jacira e Virgílio Mota, com o currículo formal das escolas. É quando Lilian Pacheco e Márcio Caires, criadores da Pedagogia Griô, incentivam a criação do Vereda dos Mamulengos, como um dos elementos de “encantamento” das escolas. Nesse mesmo ano, nasceu a brincadeira dentro da Caravana da Ação Griô regional, uma viagem que visitou os estados de ES, MG, GO e DF.

“Pegamos a estrada rumo ao Espírito Santo, quatro mulheres (Fabíola Resende, Luciana Meireles, Gabriele Corrêa e Isabela Ribeiro), uma mala com uns sete bonecos, uma tolda, uma boneca gigante, uma caixa de cacuriá e muita alegria. Nascia assim o espetáculo Vereda dos Mamulengos. Nome inspirado nas citações de Guimarães Rosa em seu livro Grande Sertão Veredas. No dia 27 de setembro de 2007, fizemos nossa primeira brincadeira para uma média de 350 crianças na Escola Municipal de Serra (ES).”





Foram grandes os desafios para abrir esse caminho feito por mulheres com foco no protagonismo feminino. Quando começaram a brincar, o discurso dentro no movimento cultural era de que “mulher não brinca mamulengo”, mas essas jovens agentes culturais persistiram nesse sonho, que ressoa como um chamado da ancestralidade, de tempos imemoráveis, inspirando o desejo da liberdade e a coragem para reinventar novas tradições ancestrais.

De 2007 a 2014, a Casa Moringa - e sua brincadeira de mamulengo - estabeleceu sede na comunidade do Mercado Sul, em Taguatinga (DF), onde realizou a gestão compartilhada do Espaço Cultural Mercado Sul, mobilizando oficinas, eventos e vivências comunitárias. A partir daí, assumiu sua missão de Ponto de Cultura Itinerante facilitando oficinas, vivências e apresentações culturais, entre outros projetos, em parceria com pontos de cultura, movimentos sociais e sindicais, ONGs, escolas públicas e mestres de tradição oral. Nessas andanças, participaram do mamulengo como músicos e folgazões: Thabata Lorena, Saulo Moscardini, Francisco Lopes, Nara Oliveira, Daniel Carvalho, David Ramos e Tetê Alcandida.

Em 2017, a coletiva foi contemplada com o 1º Prêmio de Igualdade de Gênero na Cultura da Secretaria de Cultura do Distrito Federal, em 2018 realizou o 1º Encontro de Mes-tras e Griôs do Distrito Federal, e em 2019 realizou o 1º Encontro de Mulheres Brincantes do DF: “Solares Brincantes”. Em 2020, Fabíola Resende é mamulengueira e também gestora de uma escola na rede pública de ensino do DF, e trabalha o mamulengo como ferramenta de ensino e aprendizagem:

“A gente diz muito com os bonecos na mão e parece que a voz deles e delas tem mais valia que a nossa. Aprendi muito colocando bonecos nas mãos de estudantes. Dar aulas com bonecos me fez crescer e entender muito sobre brincar! (...) Minhas bonecas e bonecos alimentam minha alma. Sou uma brincante de mamulengo, se precisar é só chamar que eu vou, porque nessa vida a gente não é uma coisa só, a gente é muita gente dentro da gente mesmo!”



foto de Nara Oliveira

casamoringa@gmail.com

Facebook: [casamoringa](https://www.facebook.com/casamoringa)

www.casamoringa.com.br





MAMULENGO LENGO TENGO

Ano de criação: 2017

Participantes: Thales Gomes, Verônica de Castro, Maria do Amparo, Vicente de Paulo e Clarice de Castro

Não lembro se o escuro se dá pela lembrança velha ou pela casa simples, mas sei que estávamos em uma sala e havia nela um pano estendido de quina a quina, por detrás, os meus primos brincando com madeiras toscamente cortadas. Isso foi há muito tempo, num dia da minha infância no Piauí dos meus pais. Me chamo Thales Gomes, resido no P Sul e sou responsável pelo Mamulengo Lengo Tengo.

Daqueles dias antigos até hoje, percebo que mamulengo é coisa que fazemos em família: minha mãe já vestiu boi; meu pai fez bonecos; minha filha brinca de Catirina em frente da tolda; e a minha esposa sempre esteve na tolda comigo.

Fazer mamulengo é levar para rua uma brincadeira que existe dentro de nós.





foto de Ingrid Albuquerque

thalesgomes1981@gmail.com

cel: 61 99285 - 1129

Instagram: @mamulengo_lengotengo





MAMULENGO CARNEIRO VOADOR

Ano de criação: 2018

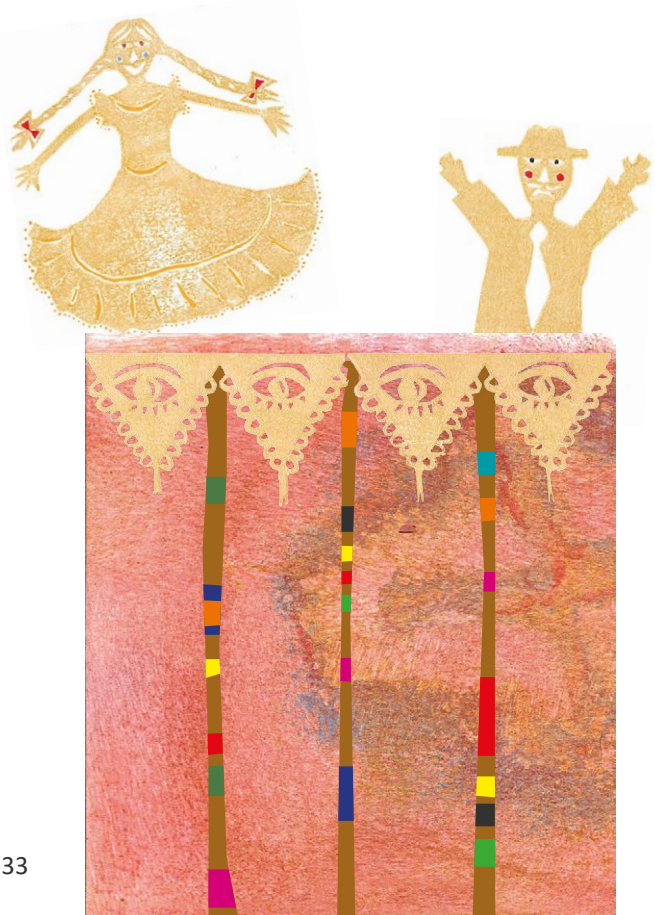
Participante: Carlos Câmara

Todo mundo tem uma tia esotérica. Um dia a minha apareceu lá em casa, trazia um pêndulo de cristal e um papel com o alfabeto disposto numa circunferência. O que isso fazia? Falava o futuro das pessoas. Não demorou muito para que todos se pusessem em fila para tentar descobrir o que seria do seu “amanhã”. Chegando a minha vez, perguntei: “o que serei?”, ela consultou o além e asseverou: “Contador”. Contador? Não me lembro de ter feito um único dever de matemática em toda a minha vida. O tempo passou, entrei na faculdade e comecei a trabalhar em museus e galerias de arte.

Um dia recebi um convite para participar de uma oficina de animação de objetos com o Ismael Falke, bonequeiro israelense. A oficina durou uma semana, essa semana nunca mais saiu da minha cabeça. Após oito anos de inquietação, já pai e cheio obrigações, decidi largar tudo o que vinha construindo na minha carreira profissional para seguir um caminho inédito, o dos bonecos. Após longos planejamentos, fui atrás dos bonequeiros locais e conheci o Chico Simões, que inicialmente me conduziu pelo universo do mamulengo.

Em janeiro de 2019, após mais alguns meses de preparo e estudo fiz a minha estreia. A plateia sentada no chão, silenciosa, observava a boca de cena. Pus João Redondo na mão, o subi, e ele disse: “Êpa! Bora saindo do meu chão, raça piolhenta!”. A molecada ria de por a mão na boca. Enfim, eu era um contador.

O Carneiro Voador foi um personagem que criei para falar do fantástico nordestino, um condutor que liga o mundo real ao universo do imaginário sem limites, da terra dos sonhos, do São Saruê, das mentiras gostosas dos velhos





prosadores. Tudo isso como uma centelha que aparece no meio da feira, da praça e de outros lugares a disputar a atenção do público que caminha com pressa, que acompanha a vida através dos aparelhos eletrônicos.

Afinal, o mamulengo é sempre uma brincadeira desobediente.



foto de Ana Vázquez Câmara

teatrocarneirovoador@gmail.com

Instagram:@carneiro_voador

cel: 61 982492060





MOISÉS BENTO DE SOUZA

Moisés é artesão e mamulengueiro de “mão cheia” de arte e criatividade sem fim. Nasceu lá na Bahia, em Gentil do Ouro, no ano de 1979, no dia 23 de fevereiro. Com sete anos de idade se escondeu embaixo de um caminhão e veio parar em Brasília.

Começou por acaso, vendo as oficinas e as brincadeiras na rua: “Me lembro de Mestre Zezito, Chico Simões, Rosinha, Algodão...”.

Já construiu Bonecos para diversos brincantes do Brasil e do mundo.

Moisés trabalha construindo bonecos para outros grupos, como o Mamulengo Alegria, Mamulengo Fuzuê, Mamulengo Presepada, Trapusteros Teatro e, atualmente, prepara sua própria brincadeira com o seu Mamulengo Gentil, inspirado no Mestre Chico de Daniel, do Rio Grande do Norte, por quem nutre profunda admiração. “Me inspiro muito nele!”. Certamente, tanto pelo brinquedo realizado com maestria e graça incomuns, quanto pelos ensinamentos da vida bonequeira, que não é fácil e exige muita dedicação e paciência.

“Minha vida é fazer boneco, não tem pra onde eu vá que os bonecos não me seguem. Virou um sina. Acho que fazer é das melhores formas de brincar, fazer é uma brincadeira.”

Perguntado sobre o que sentia vendo seus bonecos brincados por dezenas de bonequeiros em todo mundo, respondeu: “Onde eu estou minha arte está e onde minha arte está eu estou...”.

Sobre a continuidade da tradição, o filho Erick Patrick dos Santos, que há 20 anos acompanha Moisés, observa com reservas: “eu vejo o trabalho do meu pai como uma arte, o problema é o dinheiro que não dá”.





foto de Chico Simões

contato e encomendas
0 6 1 9 8 3 6 3 5 2 8 5





MESTRA TETÊ ALCÂNDIDA

Agitadora cultural, aderecista, artesã, bonequeira, cenógrafa, sapateira, ufa! São tantos ofícios acumulados por essa mulher autodidata ao longo de uma carreira de mais de 40 anos.

Terezinha Alcândida Borges, mais conhecida como Tetê Alcândida, tem uma trajetória na cultura popular de quase 40 anos. Goiana, da cidade de Nova Brasil, de uma família de tradição na Folia de Reis, Tetê muda-se para Brasília aos 18 anos e passou a conviver com diversos grupos de teatro, como o grupo da professora da Universidade de Brasília, Laís Aderne, como também em projetos, associação de moradores, grupo de mulheres, entre outros.

Em 1989, muda-se para Taguatinga (DF) para exercer a profissão de sapateira, que herdou de seu tio. “Fui trabalhar próximo de onde era uma área de circo. Um dia, um palhaço entrou e pediu para que eu consertasse um sapato artístico dele. Quando ele chegou para buscar o conserto, eu havia produzidos outros novos. Ele ficou encantado, comprou e ainda fez propaganda para outros artistas. Eu produzi sapatos de palhaço para o mundo inteiro”, relembra. Depois desse episódio, muitas pessoas do teatro passaram a confeccionar sapatos artísticos. E daí a convivência mais próxima junto a grupos como o Carroça de Mamulengo, o Mamulengo Presepada, de Chico Simões, o Bagagem Cia, de Haroldo Dias e o Mestre Zezito, etc. Foi quando se colocou à disposição para produzir cenografia e adereços de espetáculos. “Trabalhei com os espetáculos do Bagagem, do Mestre Zezito. Comecei a trabalhar com os bonecos de mamulengo do Chico, renovando, fazendo e criando outros figurinos, criando outra roupa para os bonecos.” Destaca-se deste período o espetáculo O Romance do Pavão Misterioso, tendo no elenco Izabela Brochado, Chico Simões e Aguinaldo Algodão.

A partir do Mestre Algodão, que já tinha inspirado a todos com Bloco de Carnaval Meninos de Ceilândia, Tetê, junto com um grupo de artistas de Taguatinga (DF), passam a produzir bonecos gigantes e fundam o bloco de carnaval Mamãe Taguá, isso por volta de 1995. A partir daí, houve um encantamento sobre o tema que não parou mais.

Em sua carreira, já concentra ações importantes como cenógrafa do Maior São João do Cerrado, na Ceilândia (DF), por 10 anos e uma das fundadoras do bloco carnavalesco Mamãe Taguá. Também a partir da releitura dos bonecos de Olinda, passou a confeccionar bonecos gigantes, além do trabalho de resgate das tradições da roça, através da intervenção artística com a Cozinha



da Roça. Em 2018, foi premiada pela Secretaria de Estado da Cultura do Distrito Federal por ter prestado relevante contribuição ao desenvolvimento artístico e cultural da cidade. Atualmente é Coordenadora do Batalhão das Artes, em parceria com a Associação dos Comerciantes e Industriários de Taguatinga (ACIT).



foto de André Barros

projetobonecosgigantes@gmail.com

Instagram: [batalhaodasartes](#)





GRUPO PIRILAMPO DE TEATRO DE BONECOS E ATORES

Ano de criação: 2001

Participantes atuais: Guilherme Carvalho, Kaise Helena Ribeiro, Jana Azevedo.

O Grupo Pirilampo de Teatro de Bonecos e Atores foi criado por um coletivo de pessoas interessadas no universo do Teatro de Formas Animadas dentro da Universidade de Brasília, no Departamento de Artes Cênicas.

Após experiências pioneiras vinculadas à iniciação científica e à pesquisa acadêmica acerca do tema, esse coletivo deu início a uma fase de montagens teatrais inspiradas principalmente no mamulengo. Vinculado à extensão universitária como uma forma de oficializar as novas experiências no ambiente acadêmico, no Laboratório de Teatro de Formas Animadas (LATA) foi montada uma série de espetáculos tendo a linguagem do mamulengo como referência: A Pena e a Lei (Ariano Suassuna); As Bravatas do Professor Tiridá na Usina do Coroné de Javunda (Januário de Oliveira/Mestre Ginú); Brincadeiras de Mamulengo (do próprio grupo); Capital (Guilherme Carvalho); BsB ou O dia que o Brasil encontrou o Consertadô de Cacunda (do próprio grupo); O Casamento de Marieta (do próprio grupo); Mariêta, a Sabida (LATA/Pirilampo).

O mamulengo é tema fundante e permeia a identidade artística do grupo, que, além dessa, também desenvolve montagens envolvendo diferentes linguagens dentro do universo do teatro e do circo - palhaçaria, teatro de sombras, teatro de atores, performance, teatro de bonecos de vara, habitáveis e de manipulação direta, entre outras.

Ao longo dessa trajetória, o grupo realizou 16 montagens teatrais, participou de mais de 17 edições de festivais de teatro de bonecos e atores pelo Brasil e pela América Latina (Equador, México e Colômbia). Percorreu todo o DF e entorno, além de vários municípios brasileiros de Mato Grosso, Piauí, Maranhão, Goiás, Paraná e Minas Gerais.



foto de Davi Celso

pirilampoteatro@gmail.com

https://www.youtube.com/channel/UCx_8GLksPBRKyMQJoueu_OBw





CIA VOAR TEATRO DE BONECOS

Ano de fundação: 2003

Participantes: Marcos Augusto, Alessandra Barros e João Veloso

A Cia Voar foi fundada por Marco Augusto, bonequeiro desde os 15 anos de idade e tem como proposta o estudo e a prática do teatro de bonecos, levando em conta as suas tradições e inovações.

Em 2012, com nove anos de trabalho, o grupo conseguiu conquistar a honra de ter se apresentado em todos os estados brasileiros, uma meta atingida pelas participações em importantes festivais e projetos de circulação.

Seu trabalho “João e o pé de feijão” foi convidado para se apresentar na Espanha, México e Chile e recebeu os prêmios de melhor espetáculo infantil pelo júri popular no Festival de Teatro de Americana SP, e de melhor direção e melhor ator no Festival de Teatro de Guaçuí, ES. Possui mais de 05 espetáculos em repertório, sendo o mais recente a “Tramoias para enganar a morte” que utiliza a linguagem do mamulengo e tem os bonecos confeccionados pelo mestre Zé Lopes e seus aprendizes.

Criou e produziu vários festivais, dentre eles: Gama FESTINECO - Festival de Teatro de Bonecos do Gama, com 06 edições e FESTIBRA - Festival de Teatro para Infância de Brasília, com 05 edições. Nestes festivais, a Cia Voar tem incluído sistematicamente o teatro de bonecos popular do nordeste nas suas programações e já trouxe à Brasília mestres bonequeiros de Pernambuco, Paraíba, Ceará e Piauí.



foto de Toni Guedes

voarteatrodebonecos@gmail.com





TRAPUSTEROS TEATRO

Ano de criação: 2004

Participantes: Marcos Pena e Izabela Brochado

Trapusteros Teatro foi criado em 2004 pelo bonequeiro espanhol Marcos Pena durante um intercâmbio cultural com a Fundação Titerrefué de Quito, Equador, a qual é dirigida por Yolanda Navas, bonequeira reconhecida internacionalmente. Anteriormente, Marcos trabalhou no grupo Taraneja Teatro, de Binéfar, Espanha, dirigido por Jesus Benedicto (Toy).

Seguindo a tradição dos teatros populares de luva ocidentais, Marcos Pena trabalhou por mais de uma década como bonequeiro solista, tendo montado dois espetáculos: Los Cuentos de Outro (2004) e Una Historia Sencilla (2009), com os quais participa de festivais em vários países.

Em 2011 mudou-se para Brasília e passou a trabalhar com Izabela Brochado, bonequeira, professora e pesquisadora do teatro de bonecos popular. Juntos, além da adaptação para o português dos dois espetáculos referidos acima (Este Conto não é Meu; Uma História Simples) montam novos trabalhos, nos quais as influências das tradições populares brasileiras são evidentes: Contos Escolhidos (2013); Mariêta e seu Bozinho (2015) e Mamulengo de la Mancha (2019). Além desses, Trapusteros Teatro encena “Bambu e a Morte” (2016), passagem aprendida com o Mestre Zé Divina e que faz parte da exposição “Mamulengo: bonecos populares do Brasil”, apresentada pelo grupo no Brasil, Espanha e Portugal.

Contos Escolhidos é uma adaptação livre do livro homônimo do escritor Luís Pimentel, feita para o teatro de bonecos de luva. Os bonecos esculpidos em mulungu, são de autoria de Moisés Bento, bonequeiro residente em Brasília.

Mariêta e seu Bozinho apresenta um roteiro aberto, no qual vários personagens do Mamulengo aparecem em cena tecendo com o público a trajetória de Marieta na busca por seu boi. Os bonecos são de autoria de vários mestres, entre eles Saúba, Solon e Bibiu.

Mamulengo de la Mancha propõe o encontro da Espanha de Cervantes com a cultura popular do Nordeste brasileiro. Após uma desastrosa travessia ultramar, Dom Quixote e Sancho Pança deixam a Espanha seiscentista e desembarcam em Recife em pleno carnaval no século XXI, onde são presos e tratados



como imigrantes ilegais. A primeira parte é encenada como teatro de sombras, e narra suas aventuras por Castela. Já em Recife, o espetáculo é representado com bonecos de Mamulengo, apresentando, ainda, estrutura dramática e musicalidade originárias de brincadeiras de vários mestres mamulengueiros de Pernambuco, dentre eles Zé Divina, Zé Lopes, Zé Vitalino e Miro.



foto de Raphael Mendes

trapusteros@gmail.com
Cel: 61 99657-0109
Cel: 61 99647-5331

Facebook: trapusteros teatro





Este livro foi composto com a família da fonte
Calibri, corpo 12 e 14, entrelinha 15.
Impresso em papel _____, em 4 cores, pela
gráfica _____.
Tiragem de _____ exemplares.



MINISTÉRIO DO
TURISMO



